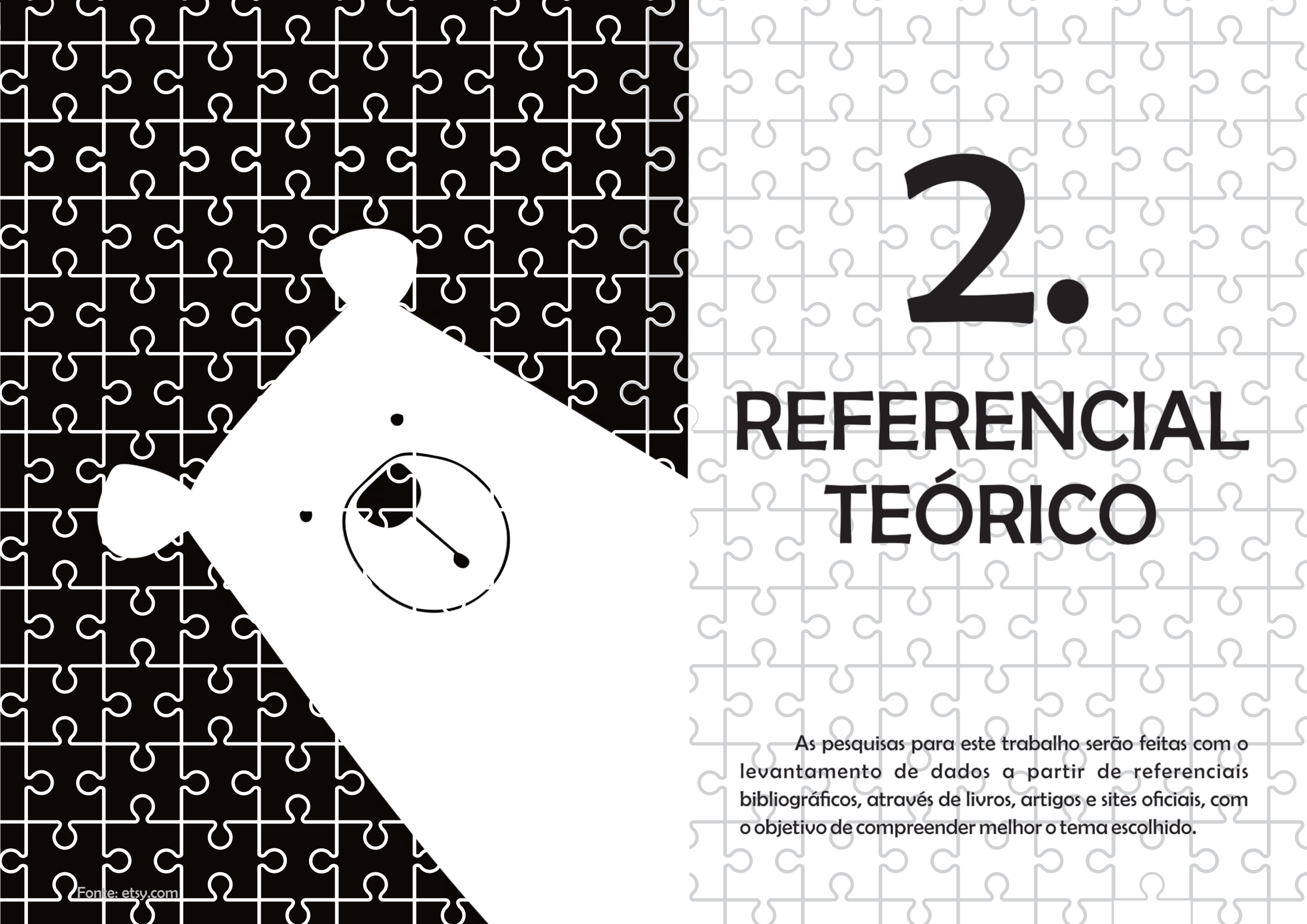




2.

REFERENCIAL TEÓRICO

As pesquisas para este trabalho serão feitas com o levantamento de dados a partir de referenciais bibliográficos, através de livros, artigos e sites oficiais, com o objetivo de compreender melhor o tema escolhido.

2.1 ENTENDENDO O AUTISMO

Podemos definir o Transtorno Espectro Autista como uma série de condições caracterizadas por dificuldades, e sendo a área mais evidente a habilidade social. A segunda área mais comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. Já a terceira é a das inadequações comportamentais, isto é, crianças com autismo apresentam interesses e atividades restritos e repetitivos (como interessar-se somente por trens, ou só por carros etc), também possuem dificuldades de lidar com surpresas e mudança de rotina (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012). (Figuras 01 e 02)

Figura 01 - Características do autismo



Fonte: istock/Arte Lunetas, 2019

Figura 02 - Características do autismo



Fonte: istock/Arte Lunetas, 2019

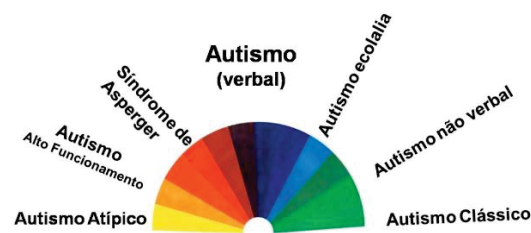
O termo “espectro” está ligado ao nome desse transtorno, pois existem diferentes graus de autismo, do leve ao severo, onde cada pessoa se enquadra em um compartimento diferente, devido à intensidade com a qual é afetado (SOARES, 2017).

Podemos comparar com a seguinte situação: quando jogamos uma pedrinha em um lago de água parada, ela gera várias pequenas ondas que formam camadas mais próximas e mais distantes do ponto no qual a pedra caiu. Desta forma, o autismo, possui várias camadas, mais ou menos próximas do autismo clássico (grave), que poderia ser considerado o centro das ondas, isto é, o ponto onde a pedra atingiu a água. Esse espectro pode se manifestar nas pessoas de diversas formas, mas elas terão alguns traços similares, afinal todas as ondulações derivam do mesmo ponto (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012).

É possível imaginar que o autismo funcione como um espectro de cores, que iria do branco até o preto, passando por todos os tons de cinza. Essas variações transitam pela tríade, isto é, conjunto de três áreas de deficiência, como na comunicação social, imaginação social e na interação social, mas nem sempre todas essas dificuldades aparecem juntas

no mesmo caso. Há pessoas com comprometimentos sociais, mas sem problemas comportamentais; e há casos de disfunções comportamentais sem atraso de linguagem. Em todos eles aparecem, em maior ou menor grau, as dificuldades na interação social (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012). (Figuras 03 e 04)

Figura 03 e 04–Espectro autista como espectro de cores



Fonte: Mão amiga – Bem viver com autismo

Fonte: hemochromatosishelp.com

Os primeiros sintomas do Transtorno Espectro Autista (TEA) aparece, na maioria das vezes antes dos três anos de idade, podendo ter seu diagnóstico fechado com três anos completos. Em alguns casos, ele pode ser diagnosticado por volta dos 18 meses (PIMENTA, 2017).

Apesar de existirem diferentes tipos de tratamentos que ajudam a pessoa com autismo a viver de uma forma

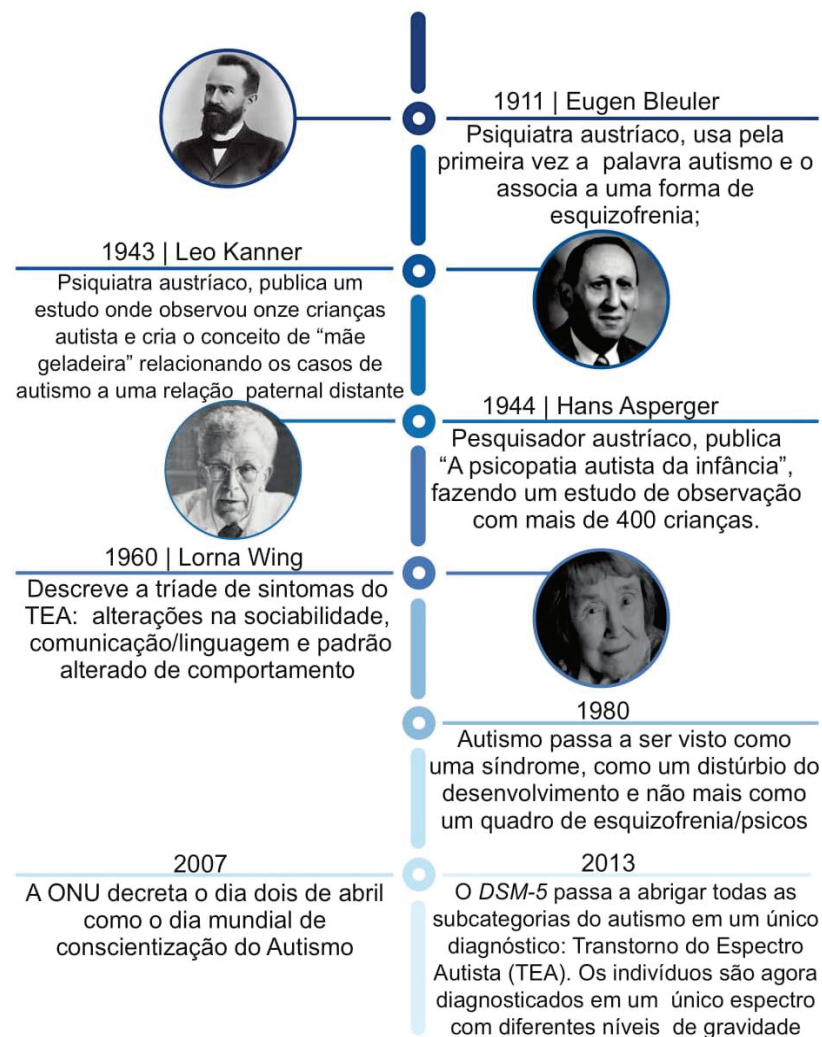
normal na sociedade, ou tratamentos que amenizem suas condições, o autismo não possui uma cura.

2.1.1 Histórico do autismo e acesso à educação

A primeira pessoa a utilizar o termo autismo foi o psiquiatra Eugen Bleuler, em 1911, para descrever uma das características de pessoas com esquizofrenia, se referindo ao isolamento social dos indivíduos acometidos (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012).

Porém, o autismo foi melhor apresentado e entendido por Léo Kanner em 1943, um pediatra e psiquiatra de origem austríaca, que descreveu o autismo a partir da observação do comportamento de onze crianças que apresentavam características comuns, como: extremo isolamento, negligenciando, ignorando ou recusando tudo do mundo exterior; incluíam maneirismos motores estereotipados, resistência a mudança ou insistência na monotonia e dificuldades de comunicação. Assim, ele acusou como comportamentos incomuns e características do autismo infantil precoce (KANNER, 1983:253, tradução da autora). (Figura 05)

Figura 05: Linha do tempo:



Fonte: Desenvolvido pela autora

2.1.2 Estatística

Os casos de Transtorno Espectro Autista têm aumentado com o passar do tempo. Segundo estatísticas há 1 para cada 59 crianças diagnosticadas com autismo nos Estados Unidos. Houve um aumento de 15%, anteriormente era 1 para cada 68 (referente a dados de 2012) (CDC, 2018). (Figura 06)

Através da Organização Mundial da Saúde (OMS), a ONU considera a estimativa de que aproximadamente 1% da população mundial possua o Transtorno Espectro do Autista, a maioria ainda sem diagnóstico (CDC, 2018).

Figura 06-Gráfico prevalência do Autismo



Fonte: Centers for Disease and Control and Prevention (CDC) – USA

*arte: Portal Tismo – tismoo.us, 2018

No Brasil, não há um censo oficial informando a quantidade de autistas, o que demonstra o atraso do país na realização de pesquisas e levantamentos de dados sobre o assunto. Existe apenas um estudo-piloto em Atibaia (SP), de 1 autista para cada 367 habitantes. Sendo uma pesquisa com poucas pessoas, cerca de 20 mil habitantes daquela cidade.

Segundo dados levantados pelo censo de pesquisa da América do Norte, o CDC (Centers for Disease Control), estima-se que exista cerca de dois milhões de pessoas com o Transtorno Espectro Autista no Brasil.

Apesar de não haver pesquisas e censos no Brasil, é importante entender o Autismo no país, e compreender a realidade social, cultural e qual é o apoio dado pelas instituições (ALMEIDA, 2018).

2.2 INCLUSÃO NO AMBIENTE DE ENSINO

A inclusão é um preparo para a vida em comunidade, dando oportunidade às crianças autistas de conviver com crianças que não possuem a síndrome (FILHO, 2017).

Camargo e Bosa (2009, apud FILHO, 2017) afirmam que existem poucas crianças autistas incluídas, se comparadas àquelas com outras deficiências. Isso ocorre devido à falta de preparo das escolas e professores para atender a demanda da inclusão.

Toda criança precisa ter interação com outras da mesma faixa etária, é essencial para todas elas, pois proporciona interação social que traz a troca de experiências, troca de ideias, permite o compartilhamento de atividades de negociação interpessoal e ajuda na aprendizagem para a resolução de conflitos (CAMARGO E BOSA, 2009).

Segundo Almeida (s/d), a educação inclusiva não surgiu “do nada”, surgiu a partir da realidade do tempo atual, nosso sistema educacional contemporâneo. É uma época em que exige que abandonemos muitos dos nossos preconceitos ou ideias equivocados. O objetivo da escola inclusiva, é auxiliar a pessoa com alguma deficiência, a se tornar um cidadão incluso na sociedade.

A inclusão é abraçar essas crianças atípicas, isto é, construir e ensinar a partir dos seus limites, sem fazer com que se torne excluída por ser diferente, que esteja aprendendo tanto quanto uma criança típica, porém

respeitando sua deficiência; conhecer suas diferenças e aprender com elas como ensinar.

Uma pedagogia centrada na criança é benéfica para todos os alunos e, como consequência, para a sociedade em geral, pois a experiência tem demonstrado que esta pedagogia pode reduzir substancialmente as desistências e as repetições e garantir um êxito escolar médio mais elevado. Uma pedagogia deste tipo pode também ajudar a evitar o desperdício de recursos e a destruição de esperanças, o que, muito frequentemente, acontece como consequência do baixo nível do ensino e da mentalidade – “uma medida serve para todos” – relativa à educação. As escolas centradas na criança são, assim, a base de construção duma sociedade orientada para as pessoas, respeitando quer as diferenças, quer a dignidade de todos os seres humanos (UNESCO. 1994,p. 7).

Segundo a Declaração de Salamanca (1994) toda criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir manter um bom nível de aprendizagem.

As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que, assim, devem adequar-se às suas necessidades a partir de uma pedagogia centrada na criança, e sendo capaz de ensinar mesmo havendo limites e necessidades especiais.

A inclusão acaba sendo uma provocação, isto é, causa um desconforto, pois gera mudanças, porém a intenção é melhorar a qualidade do ensino das escolas, alcançando todos aqueles que possuem necessidades especiais, e que necessitam de uma atenção mais específica (MANTOAN, 2006).

O termo educação inclusiva supõe a disposição da escola de atender a diversidade total das necessidades dos alunos nas escolas comuns. Por isso, a inclusão pressupõe uma escola que se ajuste a todas as crianças, em vez de esperar que uma determinada criança com deficiência se ajuste a escola (MENDONÇA, 2015).

Para haver inclusão da criança portadora de necessidades especiais nas escolas de ensino regular, é preciso que a escola e a sociedade reveja a velha prática, isto é, em outros tempos essas crianças saíam poucas vezes de casa e tinham menos interação com as outras, muitas vezes eram isoladas e com isso a própria família também se isolava. Porém, hoje a criança especial atual tem seus direitos assegurados por lei, sendo um deles o de frequentar a sala de aula regular e se desenvolver com outras crianças da mesma faixa etária (LASKOSKI, SILVA, SOUSA, 2017).

2.2.1 Educação inclusiva no Brasil

Segundo ALMEIDA (s/d), a educação no Brasil não está em um bom momento, precisa ainda muita melhoria, e o processo de educação inclusiva ainda é longo, é necessário ser muito investido para que haja realmente uma modificação e mudança na realidade atual, precisa haver investimento na: organização social, políticas públicas, e oportunidade socioeconômica.

Uma coisa está ligada a outra, para haver organização social, precisa-se que as pessoas vençam seus preconceitos, e, conseguindo a organização social, cria-se força, fazendo “pressão” para as políticas públicas atenderem no que de fato a sociedade precisa ser investida. Se acontece o investimento na sociedade, as oportunidades e desigualdades humanas diminuem e mais pessoas deixam de ser excluídas (ALMEIDA, s/d).

Percebe-se também que para haver integração das crianças com necessidades especiais em escolas regulares, é preciso que haja capacitação dos professores e profissionais envolvidos, além do apoio didático e pedagógico, como:

estímulos sensoriais, material didático específico e espaços físicos adequados (FILHO, 2017).

Sabendo que os espaços físicos precisam ser adaptados, de acordo com a necessidade do aluno especial, se nota a importância da arquitetura escolar inclusiva, que possa pensar na criança especial e conduza a inclusão nos sentidos e formas dos mesmos.

A escola inclusiva traz benefícios para todos os envolvidos, os alunos especiais, aprendem:

- Melhor e mais rapidamente, pois encontram modelos positivos nos colegas;
- Que podem contar com a ajuda e também podem ajudar os colegas;
- Lidar com suas dificuldades e a conviver com as demais crianças (ALMEIDA, s/d).

2.3 PROGRAMAS PEDAGÓGICOS

No Brasil a linha pedagógica mais difundida é a Pedagogia Tradicional, tanto nas escolas públicas quanto privadas. Esse tipo de ensino é focado na absorção de conhecimento pelos alunos, o que acaba valorizando a

capacidade de memorização. Porém, a Metodologia mais adequada para promover a inclusão escolar deve basear-se em conhecer a criança e assim, poder respeitar suas individualidades. Desta forma, o educador demonstra a importância que o dá a personalidade da criança, suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais, seu ritmo e seus interesses, valorizando assim a criança como elemento fundamental para o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Para alcançar este fim, é necessário ter um ambiente adequado para que a criança possa se expressar naturalmente (SILVA, 2014).

Assim para o trabalho, observou – se que a melhor linha a ser seguida e adotada para o partido é a Pedagogia Montessoriana. De forma geral, a pedagogia montessoriana possui seis pilares educacionais autoeducação; educação como ciência; educação cósmica; ambiente preparado; adulto preparado; criança equilibrada.

2.3.1 Pedagogia Montessoriana

O nome dessa linha pedagógica vem da criadora desse método, Maria Montessori (Figura 07). Ela desenvolveu seu

próprio método, voltado para a individualização do ensino. Com isso, inovou a educação com base no movimento da “Escola Nova”, que teve como finalidade a organização do trabalho didático. Sua proposta é uma pedagogia científica por meio da psicologia, que enfatiza o aluno como o próprio sujeito em seu desenvolvimento cognitivo. Para isso, Montessori pesquisa a área da educação como um campo específico ao desenvolvimento psicológico (SOUSA E CRISTOFOLET, 2015).

Figura 07 – Maria Montessori



Fonte: lavozdelmuro.net

A Pedagogia Montessoriana diz que a aprendizagem se dá naturalmente, de acordo com o interesse da criança, respeitando seus limites.

Além do estímulo da criança a aprender sozinha de acordo com seu interesse, a pedagogia Montessoriana dá destaque ao ambiente, adequando-o ao tamanho das crianças (mesas, estantes, quadros, banheiros, etc). Também é rico e abundante o material didático, voltado para a estimulação sensório-motora: cores, formas, sons, qualidades táteis, dimensões, experiências térmicas, sensações musculares, movimentos, ginástica rítmica, com a clara intenção de alcançar o maior domínio do corpo e das coisas (FILHO, 2017 apud ARANHA, 1996, P. 173). (Figura 08)

O método de observação há de fundamentar – se sobre uma só base: a liberdade de expressão que permite às crianças revelar – nos suas qualidades e necessidades, que permaneceriam ocultas ou recalcadas num ambiente infenso à atividade espontânea. (MONTESSORI, 1965, p.42 Apud Silva, 2014, p. 31).

Entende-se então, que seria um ambiente próprio à criança que o educador possa observar – lá e, assim, conhecer suas características particulares que o permitiriam

refletir em maneiras de auxiliá-la em seu desenvolvimento (SILVA, 2014).

Figura 08 – Ambiente A



Fonte: casavogue. globo, 2015

Ambiente B



Fonte: casavogue. globo, 2015

2.3.2 Características de uma escola Montessori:

- Atividades manuais;
- Contato com a natureza;
- Ambiente físico preparado;
- Ensino individualizado;
- Incentivo à autonomia;
- Professores especializados;
- Equilíbrio;
- Respeito e Disciplina;

O Método Montessoriano possui uma abordagem totalitária e humanizada da educação infantil. Isso se reflete na forma com que as salas de aula são organizadas, no comportamento dos alunos e na postura dos professores (ESCOLA INFANTIL MONTESSORI, 2017). (Figura 09)

2.3.3 Benefícios do método Montessori nas escolas:

Existem poucas escolas com o método Montessori no Brasil, mas no mundo inteiro esse método vem aumentando

(MDS AGÊNCIA DIGITAL, s/d). Os alunos que são ensinados com esse método, se destacam em alguns aspectos, como:

- Melhoram a atividade sensório – motora;
- Desenvolvem as habilidades de iniciativa e persistência;
- Aprimoram as habilidades de percepção e observação;
- Auto educação;
- Têm imagem positiva de si;
- Estimula a curiosidade de aprender;
- São muito criativos;
- Desenvolvem bem a parte de leitura, escrita e matemática;
- Trabalham e brincam bem em grupo e sozinhos;
- Capazes de dividir ideias, experiências, materiais e jogos;
- Possuem grande habilidade de concentração;
- Desenvolvem melhor sua aptidão para ouvir;
- Apreciam livros;
- Adquirem senso de ordem;
- Possuem maior sensibilidade e respeito com o próximo e consigo (MDS AGÊNCIA DIGITAL, s/d).

Figura 09 – Materiais pedagogia Montessori



Fonte: imageneseducativas.com

2.4 ARQUITETURA A FAVOR DAS PESSOAS

A arquitetura está ligada diretamente ao ser humano, pois o objetivo principal da arquitetura, é o bem estar do pessoas

usuário. A partir disso, sabe-se que ela pode mudar a vida das pessoas por meio de projetos bem planejados.

A arquitetura também pode ser inclusiva, se pensada na pessoa especial, planejando e respeitando as pessoas com alguma deficiência, e nas pessoas como um todo.

Segundo Vergara, Troncoso e Rodrigues (2018) geralmente a maioria dos autistas são muito sensíveis à luz solar e possuem uma visão fotográfica detalhista que os distraem do foco principal. Eles sentem todos os aromas do ambiente, desde o perfume da professora ao lanche do colega, o que, às vezes, os fazem enjoar. Devido ao seu delicado paladar, alguns não suportam misturar texturas, cores e sabores distintos de comida. E, com o tato à flor da pele, podem confundir um abraço apertado com um toque agressivo. Alguns escutam qualquer barulho com a mesma intensidade, dentro e fora do ambiente, tal como o comando de voz na sala de aula ou o som do grilo no jardim.

A partir do entendimento melhor da criança autista, percebe-se a importância do pensar na arquitetura para crianças com TEA, pois possuem sentidos “aguçados”, e cada criança possui uma característica e sensibilidades diferentes.

Foram levantados alguns tópicos a respeito da arquitetura para as pessoas, com foco nas crianças e, em especial, aquelas com o TEA.

2.4.1 Uso das cores no ambiente escolar

A escolha das cores em um ambiente é bastante importante, pois elas podem gerar diversos estímulos, reações e sensações, trazendo calma ou agitação às pessoas, por exemplo. Escolher as cores para um ambiente escolar é, então, algo essencial, e, aliado à pedagogia pode trazer grandes resultados, isto é, cada ambiente deve ser pensado para que se torne um local adequado ao aluno, e possa ajudar em seu desenvolvimento e aprendizagem.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação traz algumas recomendações para o uso das cores no ambiente de ensino. Segundo o FNDE (2000), seguem algumas recomendações:

- Cores primárias estimulam. Em salas onde crianças brincam elas podem ser adequadas, mas nunca como fundo;

pessoas

- Para usar as cores primárias como estímulo sem que elas se tornem agressivas aos olhos, o fundo deve ser de cor neutra e clara: beges, brancos e cinzas claros;

- As esquadrias e portas podem ter tonalidades mais fortes, e os tetos em branco por seu alto grau de reflexão da luz;

- Cores claras atraem mais o olho e o retêm. Cores claras e quentes retêm-no ainda mais;

- O vermelho atrai e irrita o olhar;

- O amarelo-limão vivo é sensível aos olhos;

- A cor azul traz calma;

- Cores vivas criam tensão e agressividade; enquanto cores suaves têm o efeito inverso;

- Extensas áreas de verdes, vermelhos, amarelos e azuis primários, tendem a ser pesadas e até depressivas.

De acordo com o FNDE (2000), são muitos os fatores que têm que ser levados em consideração para tomar decisões na escolha das cores em arquitetura de interiores, desde as proporções do ambiente, finalidade, orientação e forma. Um dos fatores mais importantes em se tratando de ambiente escolar é a questão da iluminação e distribuição da

luz nos ambientes de permanência dos estudantes. (Figura 10)

Figura 10-Uso das cores



2.4.2 Lúdico na Arquitetura

Como será a criança o principal usuário da escola, é interessante a abordagem do tema lúdico na arquitetura, visto que é algo vinculado ao mundo da criança. Esse caráter lúdico, traz bastante o uso das cores e diferentes tipos de inspirações, fazendo com que desperte os sentidos e a criatividade da criança. (Figura 11)

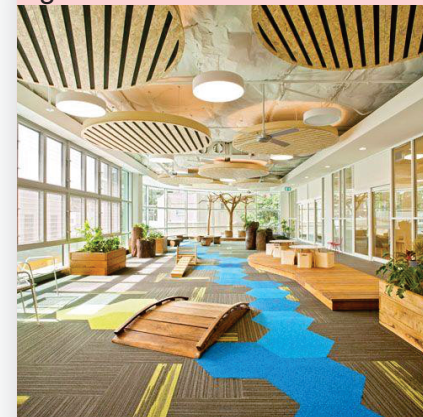
Segundo Filho (2017), a questão do lúdico na arquitetura tem a ver da relação com corpo e as sensações e

percepções que as crianças podem ter com os ambientes, sendo um ambiente interativo e, ajudando na maior capacidade do desenvolvimento sensorial e cognitivo da criança.

O lúdico refere-se à necessidade humana de sentir, expressar, comunicar e produzir emoções primárias (rir, gritar, chorar, gozar), emoções orientadas ao entretenimento, diversão e lazer (MANTILLA, 2011).

A partir dessas características, podemos ver um paralelo entre a arquitetura e o lúdico, sendo parte da nossa vida, podendo levar à estimulação da imaginação das pessoas (MANTILLA, 2011), algo fundamental para as crianças em seu processo de aprendizado e crescimento.

Figura 11-Ambientes lúdicos



Fonte: designis.
shawcontractgroup.com



Fonte: circu.net

2.4.3 Ergonomia

De acordo com o Manual de orientações técnicas: mobiliário e equipamento escolar–Educação Infantil (2017), a ergonomia é o estudo da interação entre a pessoa e seu ambiente de trabalho. No ambiente escolar, a ergonomia é a interação entre o aluno e o ambiente, principalmente a sala de aula. Desta forma, o mobiliário deve ser pensado de modo a se adaptar à criança e também sua rotina, evitando desconfortos e danos à saúde.

O mobiliário deve ser confortável, funcional e, poder proporcionar uma facilidade de movimentação do corpo da criança com facilidade, para que assim possa ser considerado um mobiliário adequado. Quando este for adequado a criança, pode possibilitar a criação de ambientes e vivências estimulantes e criativas.

O mobiliário escolar possui especificações em relação ao seu elemento construtivo e dimensionamentos e, estão prescritos pela ABNT, INMETRO, e outras. Um exemplo dessas especificações temos a NBR 14006, onde orienta padrões de tamanhos de mesas e cadeiras para cada fase escolar.

2.4.4 Normas: mobiliário adequado

Sendo o foco na criança, as escolas devem se adaptar no mobiliário e espaço de acordo com o tamanho, idade e necessidade do aluno. Para que elas se sintam confortáveis e parte daquele ambiente, garantindo uma boa aceitação do aluno e ajudando-o em seu processo de aprendizagem.

Os alunos precisam se sentir acolhidos e amar aquele lugar. E como se ama um lugar? Em geral tem algo estético (...) a qualidade da construção (...). Arquiteta Doris Kowaltowski, em reportagem de Casa Vogue.

O pensar do mobiliário é além da preocupação com o conforto e estímulo da criança, também é conhecido por norma do MEC, proposto no Referencial curricular Nacional para a educação infantil, 1998, p.71:

É preciso que, em todas as salas, exista mobiliário adequado ao tamanho das crianças para que estas disponham permanentemente de materiais para seu uso espontâneo ou em atividades dirigidas.

A seguir uma tabela (Figura 12, 13 e 14) que mostra as proporções em relação à altura e a faixa etária em relação a mesas e cadeiras:

Figura 12 – Dimensões do corpo da criança para detalhamento da tabela

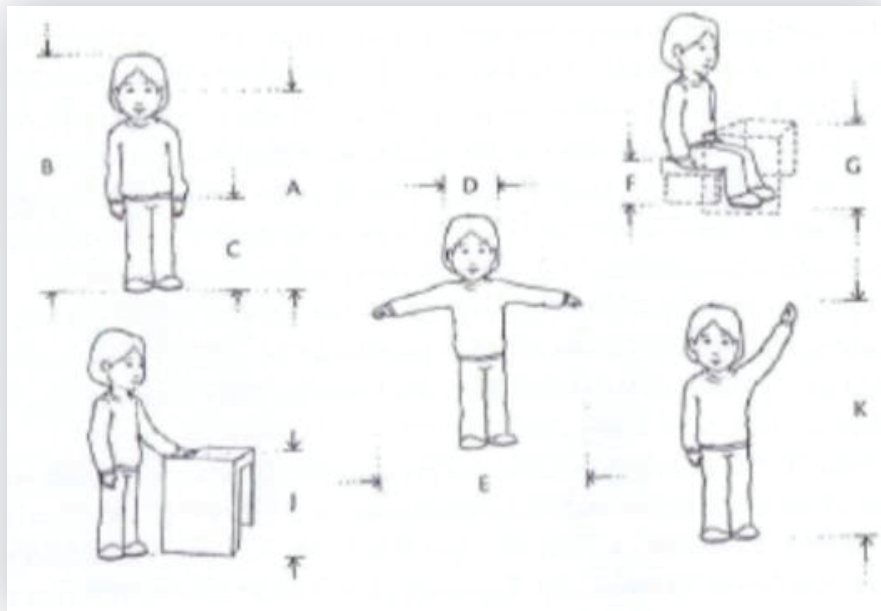
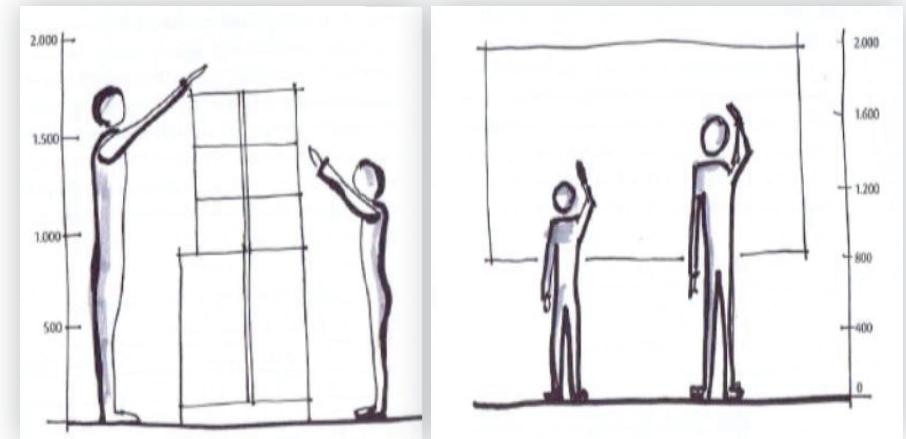


Figura 13 – Dimensões para armários e suporte visual.



Fonte: Doris C.C.K. Kowaltowski. Arquitetura escolar - o projeto do ambiente de ensino. pág. 58 e 59

Figura 14-Tabela proporções

TAB. 2.1 ESTATURA MÉDIA POR IDADE E PROPORÇÕES DE DIMENSÕES PARA DETALHAMENTO DO PROJETO									
IDADE	5	6	7	8	9	10	11	12	13
ESTATURA	107,5	112,5	117	122	127	132	137	144	149
PROPORÇÃO EM RELAÇÃO A H	A	B	C	D	E	F	G	J	K
	9/10	4/5	1/3	1/4	1	2/7	3/7	1/3	1 - 1/5

Fonte: Doris C.C.K. Kowaltowski. Arquitetura escolar - o projeto do ambiente de ensino. pág. 54

2.4.5 Espaços convidativos e espaços de lazer

Em relação aos ambientes adequados para crianças e em especial, crianças com o Transtorno Espectro Autista, é importante pensar também em espaços comuns e livres, como espaços ao ar livre por exemplo. Estes são uma parte essencial da consciência ambiental de qualquer indivíduo, segundo Christopher Beaver (2006). (Figura 15)

Um espaço pode fornecer à criança um senso de independência e liberdade, podendo desfrutar da liberdade sem a sensação de estarem sendo observadas a todo momento (BEAVER, 2006).

Figura 15-Espaços de lazer



Fonte: imageneseducativas.com;

Fonte: Hospital La Paz - jardim na cobertura:

<http://responsabilidadsocialcorp.blogspot.com>, 2014

Fonte: archdaily.com, 2013 (Torben Eskerod, Jens Lindhe), 2013

Fonte: upcomunicacaointeligente.blogspot.com, 15

2.4.6 Acústica

A acústica é um dos aspectos mais importantes de se pensar no projeto, pois grande parte dos autistas tem sensibilidade auditiva, deste modo, o mais adequado é oferecer um ambiente calmo e com poucos ruídos.

Segundo Christopher Beaver (2006) o uso de carpete no chão reduz o impacto no tráfego e absorvendo o som, e, ao mesmo tempo pode ser aproveitado de forma decorativa,

se pensado com criatividade. Outra opção seria o piso de borracha (Figura 16 e 18), podendo ser utilizado também em ambientes úmidos.

No teto, uma boa opção é a utilização da madeira, pois é um material quente, trazendo aconchego e conforto ao ambiente. (Figura 17 e 18)

Figura 16- Piso emborrachado
Centro de Autismo e Cérebro
em Desenvolvimento



Fonte: John Brownlee, 2016;

Fonte: www.designrulz.com: Escola primária de Kirkmichael por Holmes Miller

Figura 17 – Teto em madeira,
carpete e piso emborrachado.



Figura 18 – Carpete/Teto em madeira



Fonte: www.designrulz.com

Escola Primária de Baldasso Cortese Architects;

2.5.7 Iluminação

A iluminação é algo bastante importante de ser pensado em um ambiente escolar, e principalmente por se tratar de uma escola inclusiva, onde terá crianças especiais, e em especial crianças com TEA, que muitos possuem sensibilidade à luz. (Figura 19 à 22)

Segundo John Brownlee (2016) a iluminação não pode ser muito quente, muito fria, muito brilhante, muito fraca, dura demais, artificial demais ou até natural demais, deve estar adequada.

Uma opção para conseguir a iluminação de forma mais adequada é por meio de um dimmer, onde acontece o controle de luminosidade das lâmpadas, variando gradativamente a quantidade de luz emitida em um ambiente. Mas, de acordo com Christopher Beaver (2006), esses dispositivos geralmente são mecanismos frágeis e facilmente danificados.

Figura 19-Iluminação
Centro de Autismo e Cérebro
em Desenvolvimento



Fonte: John Brownlee, 2016;

Fonte: www.designrulz.com: Escola primária de Kirkmichael por Holmes Miller

Figura 20-Claraboia,
Iluminação discreta e
alta.



Figura 21-Iluminação
Uniforme



Fonte: www.designrulz.com

Escola Primária de Baldasso Cortese Architects

Figura 22-Teto em ripas de
madeira + iluminação discreta

